

AMBIVALÊNCIA DOS SENTIDOS: ASCESE DE NIKOS KAZANTZÁKIS

Carolina Donega Bernardes

UNESP/Ibilce – Doutoranda

Bolsista FAPESP

Resumo

Ascese Os Salvadores de Deus (1927) do escritor grego Nikos Kazantzákis (1883-1957) é um texto de difícil classificação por temas ou por gêneros discursivos, o que o caracteriza como texto híbrido, formado pelo cruzamento dos discursos filosófico, literário e religioso e no qual se desenvolve a luta pela liberdade. O artigo propõe a descentralização conceitual das palavras que compõem o título da obra, no intuito de engendrar uma nova rede de significação que favoreça a leitura de *Ascese* como obra da modernidade.

Palavras-Chave: Kazantzakis, *Ascese*, ambivalência, multidiscursividade, deslocamento.

Resumen

Ascética Salvadores de Dios (1927) del escritor griego Nikos Kazantzakis (1883-1957) es un texto difícil de clasificación por temas o por géneros discursivos, que lo caracteriza como texto híbrido, formado por el cruzamiento de los discursos filosófico, literario y religioso y en que se desarrolla en la lucha por la libertad. El artículo propone un descentramiento conceptual de las palabras que componen el título de la obra a fin de engendrar una nueva red de significación que favorezca la lectura de la *Ascética* como de la modernidad.

Palabras Clave: Kazantzakis, *Ascética*, ambivalencia, multidiscursividad, desplazamiento.

A ambivalência das palavras que compõem a obra híbrida *Ascese Os salvadores de Deus* (*Askitiki: Salvatores Dei, 1927*) do escritor grego Nikos Kazantzákis incita às mais variadas perspectivas de leitura e excita a descoberta dos efeitos que os sentidos de tais palavras provocam no texto, num jogo de oscilação entre os pólos positivo e negativo e na reavaliação dos conceitos carregados por essas palavras. Há um acúmulo de sentidos que remetem a toda uma pluralidade de significações.

A hierarquia entre os discursos filosófico/literário, filosófico/religioso e literário/religioso, manifestações estas do sistema de oposições do pensamento

metafísico, sofre em *Ascese* uma escamoteação. A multidiscursividade em *Ascese* provoca um efeito de rompimento com a relação hierárquica. No nível discursivo, desautoriza a superioridade da literatura à filosofia ou vice-versa, e a autoridade do discurso religioso estaria submetida ao ficcional e às questões de ordem filosófica, possibilitando uma comunicação entre os discursos. No nível textual, palavras polêmicas como Deus, salvação e ascese são reinscritas, situadas de modo diferente, revelando os efeitos que propagam no texto e no relacionamento entre os discursos.

“Desconstruir um discurso é mostrar como ele mina a filosofia que afirma, ou as oposições hierárquicas em que se baseia, identificando no texto as operações retóricas que produzem o fundamento de discussão suposto, o conceito chave ou premissa”. (CULLER, p. 100)

Assim, um texto como *Ascese*, formado pelo cruzamento e pelo mútuo deslocamento de discursos e pela ambivalência das palavras, favorece um confronto das diferenças.

O termo “ascese” deriva do grego *áskesis* e é usado para designar exercícios espirituais que levam à efetiva realização da virtude e à plenitude da vida moral. A ascese é comumente praticada pelos religiosos mais radicais, sejam eles cristãos ou budistas. Nela impera uma luta contra o corpo, parte perecível e putrescível da composição humana. O corpo é visto como algo a ser dominado e desdenhado, já que apenas a alma perdura e tem condições de alcançar a comunhão com o ser divino. O corpo é o entrave para a livre imortalidade da alma, é a realidade impura do homem, que deve ser transcendida. Nas práticas da ascese, o homem religioso priva-se da vida material e mortal, tida como falsa e contrária à vida moral e real da alma, e submete-se a exercícios severos que provocam dor e fraqueza ao corpo. Com o domínio absoluto do espírito sobre o corpo, o homem obtém o conhecimento iluminado, sem a perturbação dos desejos e das paixões, e já nesse ponto, está livre para alcançar o êxtase. O êxtase é o estado que, numa espécie de fulguração, aparece a certeza absoluta, sem necessidade da demonstração racional.

O símbolo corrente da ascensão é a escada, via de comunicação em sentido duplo entre diferentes níveis, a terra e o céu. A terra simboliza a

inferioridade, a detenção de qualidades vistas como menores, como o desejo, o impulso sexual, as ambições; o homem mais próximo da terra, segundo o cristianismo, é, pois, aquele que infringe os Dez Mandamentos. O céu, entretanto, é a simbologia da comunhão com Deus e com o plano espiritual. Sé é possível, ainda segundo o cristianismo, adentrar essa dimensão após cultivar as virtudes contrárias ao materialismo e após seguir as leis ditadas pela doutrina cristã. Para o Budismo, há também a idéia de elevação, porém não há a hierarquia entre céu e terra, é possível ao homem budista elevar-se vivendo no mundo terreno. A passagem da terra ao céu exige a superação de patamares em ambas as religiões, numa sucessão de estados espirituais. Os degraus marcam os níveis de progresso, e a cada etapa conquistada, o viajante começa a se tranquilizar pela paz que se aproxima, o que o encoraja a enfrentar as lutas.

Em *Ascese Os salvadores de Deus*, observa-se que a aquisição da elevação espiritual obtém-se também pelo galgar de degraus. A obra é dividida em cinco partes: *A Preparação*, *A Marcha*, *A Visão*, *A Prática*, *O Silêncio*. A primeira parte divide-se em três deveres, os quais o homem precisa assimilar antes de iniciar sua subida. *A Marcha* divide-se em quatro degraus: o eu, a raça, a humanidade e a terra. São degraus a serem vencidos para a purificação. A terceira etapa, *A Visão*, apresenta-se como a iluminação, o vislumbre do grande mistério, que é a descoberta de que Deus necessita de suas criaturas. Em *A Prática*, é dada ao viajante a missão de ajudar a Deus em sua ascensão. *O Silêncio* é o momento final em que o viajante descobre que não existe o final da viagem, mas sempre o recomeço.

O simbolismo da escada tem sentido inverso também, o da descida. Do céu descem os seres divinos para o contato com o homem. E o próprio homem pode optar pela não comunhão com Deus. Em *Ascese*, a oposição subida/descida, característica de toda e qualquer ascese, pode ser percebida antes mesmo de *A Preparação*:

“Todavia, tão logo nascemos, principia o esforço de criar, de tramar, de fazer da matéria vida: a cada instante nascemos. Por isso muitos proclamaram: O escopo da vida efêmera é a imortalidade. Nos transitórios corpos vivos, lutam duas correntes: 1ª. a ascendente, rumo à síntese, à vida, à imortalidade; 2ª. a descendente, rumo à dissolução, à matéria, à morte”. (Kazantzákis, 1997, p.38)

A hierarquia metafísica implícita na oposição subida/descida indica que o movimento ascendente é superior ao descendente, pois culmina na imortalidade e na transcendência da condição humana. Há uma relativização desse valor de superioridade em *Ascese* que permite uma junção dos elementos opositivos:

“E as duas correntes se originam no imo da substância primeva. De começo, a vida surpreende; parece uma reação ilegítima, desnaturada e efêmera às trevas das fontes eternas; mas, quando nos aprofundamos, percebemos que a Vida é o próprio curso, sem princípio nem fim, do Universo. Se assim não fosse, de onde viria a força sobre-humana que nos lança do incriado ao criado e nos impele ___ plantas, animais, homens ___ à luta? As duas correntes antagônicas são pois sagradas.

Cumpram-nos, então, aceder a uma visão que articule e harmonize estes dois prodigiosos impulsos sem princípio nem fim, e por ela regular o nosso pensamento e ação”. (Idem, p. 38)

O asceta (*asketes*) é um homem contraditório, que recusa a vida, a beleza e a alegria para o encontro da satisfação na dor, no desastre, na penitência voluntária, na negação de si, na autoflagelação e no auto-sacrifício. O ideal ascético (*asketikós*) se rejubila no tormento e na delícia de confirmar o pressuposto da diminuição da aptidão fisiológica. Concentra em si a negação da vida e ainda uma conservação da vida em degeneração; enquanto luta para reduzir os desejos e impulsos fisiológicos, a vida (ou instinto) luta para se manter. Na luta para aquietar as aptidões fisiológicas, o pulsar eterno da vida para conservar-se contrapõe-se avidamente ao ideal ascético. O asceta vive em busca da verdade, impondo-se um ritual de morte gradual, ceifando a possibilidade de realização e júbilo na própria vida. O ideal ascético é a coexistência entre vida e morte.

O que se recusa pelo caminho ascético¹ é a dança, a atividade febril pura, o estado de embriaguez dionisíaco, em total afirmação da vida como ela é, um dizer-sim à miséria e ao contentamento. O líder espiritual da prática ascética é o oponente e desdenhador de toda a saúde e potencialidade, um antagonista do deus Dioniso, este um estimulador da superação de si e da confiança nos poderes próprios de seus adoradores. À semelhança do

¹ O ideal ascético foi analisado por Nietzsche (1991) em “O que significam ideais ascéticos”, terceira dissertação de *Para a Genealogia da Moral*. Para uma análise aprofundada, vale aproximar Nietzsche dos princípios budistas, que partem da antiga prática da ascese.

*phármakon*² de Platão e analisado por Jacques Derrida (1991), o padre ascético do cristianismo é a ferida e a cura. Apropriando-se de sua posição superior, ele inspira medo e confiança aos sofredores; como senhor de si mesmo, forte, mestre de disciplina, conquista o domínio dos mais fracos, servindo-lhes de amparo e médico de suas doenças; primeiro semeia a discórdia, o sofrimento, a dor e a autocontradição para depois embalar e trazer o bálsamo da cura, e em seguida, novamente ferir.

A prática ascética era realizada antes do surgimento de Buda, propagador da interrupção do sofrimento humano. Buda percebeu a inutilidade do ascetismo, que provoca debilitações físicas e nenhum alcance da verdade. Sua doutrina trouxe o Óctuplo Caminho, composto de: Visão Correta, Pensamento Correto, Palavra Correta, Ação Correta, Vida Correta, Esforço Correto, Intenção Correta e Meditação Correta. Seguindo esse caminho, o homem pode alcançar a paz espiritual e o Nirvana, estágio último da elevação budista. Aqui, a interrupção do ciclo de renascimentos (*samsara*) e do tormento dos sofrimentos humanos culmina na dissolução no Nada, que é o Nirvana. Não há comunhão com Deus, revelação da verdade, nem láureas por se ter atingido o topo; o que ocorre é a iluminação, o despertar de uma consciência que se funde no próprio pulsar da vida e das forças do Universo, livre de toda construção mental.

O Nirvana é a forma de ascese livre das torturas físicas e das culpas causadas pela idéia de pecado, imposta pelo cristianismo. Em *Ascese*, a parte final, chamada *O Silêncio*, aproxima-se da iluminação do Nirvana:

“Havia uma prisão; a prisão se rompeu, foram libertadas as forças terríveis ali encerradas e o ponto não existe mais!

Esse grau último da ascese se chama Silêncio. Não porque seu conteúdo seja o supremo, inexprimível desespero ou a suprema, inexprimível alegria e esperança. Nem porque seja o supremo conhecimento que não se digna a falar, ou a suprema ignorância que não consegue falar.

Silêncio quer dizer: Cada qual, após cumprir seu tempo de serviço como combatente, chega ao mais alto cimo do esforço ___ passados os combates, não luta mais, não grita mais:

² Segundo o *Glossário de Derrida*, *phármakon* é “o elemento indecível, que não pode ser apreendido pelas oposições binárias remédio/veneno, bem/mal, dentro/fora, palavra/escritura”. (p.65) Tais significados podem ser encontrados na língua grega e evidenciados no *Fedro* de Platão, porém, nas traduções para as línguas herdeiras da metafísica, ocorre a opção por um dos pólos das oposições. Essa ocorrência foi percebida por Derrida em *A Farmácia de Platão*, provocando um desvendamento, ou apreensão da coexistência mútua dos vários significantes no conceito de *phármakon*.

amadurece por inteiro, silenciosamente, indissolúvelmente, eternamente, com o Universo". (Idem, p. 147-148)

Se a ascese búdica, tida aqui como o alcance do Nirvana, não necessita de guias espirituais, nem mesmo de um deus para o seu cumprimento, já que "não existe doutrina, não existe Redentor para abrir caminho. Não existe tampouco caminho a ser aberto" (KAZANTZÁKIS, 1997, p.148), a ascese cristã, ao contrário, busca em Deus a sua salvação.

A divindade cristã vem sempre ligada à idealização de Deus como pai, juiz, todo-poderoso e soberano. O homem submete-se a um ser superior, ao qual não pode ver, e passa sua vida almejando entrar em seu reino "prometido" após a morte, e assim granjear o direito de "conhecer a verdade" do ser.

A teologia e a ontologia são estudos que se confundem, numa interpenetração entre Deus e o ser; "o nome de Deus seria, apenas, um símbolo para recobrir o desconhecido do ser: e o ser, um outro símbolo, que remete ao Deus ignoto". (CHEVALIER, 2001 p. 332)

A ignorância do homem sobre a identidade de Deus, lembrando que os evangelhos bíblicos relatam a criação do homem como imagem e semelhança de Deus, faz dele também um enigma, pois que todos os seres, ao participarem da natureza do ser, são participações igualmente enigmáticas da natureza de Deus. Se a teo e a ontologia se confundem, se Deus é o desconhecido, logo o homem também o é, visto desconhecer um dos termos da relação que o faz existir.

Essa solução metafísica, porém, não bastou para o homem, sequioso em desvendar todo o mistério, e assim ocupar a lacuna de sua identidade. Usou de sua imaginação durante séculos para representar infinitas faces de Deus, transferindo principalmente para a idéia primeva daquele que existe por si mesmo, independente de outros seres e o Uno, o conhecimento que tem de si mesmo e do seu relacionamento com o mundo. A divindade passa a simbolizar as qualidades idealizadas pelo homem, moldando-se conforme a sua necessidade³.

³ Ver *O Anticristo* de Nietzsche.

Na guerra, o homem fortalece-se contra o inimigo, certo de que Deus estará ao seu lado, orientando suas flechas e projéteis. Esse Deus forte torna-se um demônio para o lado que sofre o aniquilamento, é o deus do outro. Já ao povo que perece, que perdeu as esperanças de liberdade, é necessário ter um Deus apaziguador e humilde, que insufla a calma entre os seus e não desperte o desejo de vingança em desespero pela sobrevivência. Deus torna-se então, um ser particular, e não universal, como se supunha⁴.

Tais faces de Deus, modificadas pela vontade e necessidade humanas são vistas em *Ascese*:

“Não me importa que rosto deram outras épocas e outros povos à prodigiosa essência sem rosto. Encheram-na de virtudes humanas, de recompensas e punições, de certezas. Deram um rosto às suas próprias esperanças e temores, impuseram um ritmo à sua própria anarquia, encontraram uma justificação superior para viver e labutar. Cumpriram seu dever”. (Kazantzákis, 1997, p.113)

Essa ambivalência de Deus e a pluralidade de faces e de nomes, descritas no trecho acima de *Ascese*, o convertem num ser que forçosamente deve aceder aos desígnios humanos. O Deus bom é o deus fraco, doente, contrário à glorificação e à afirmação da vida, porque está submetido ao Deus potente, forte e vencedor. Mas as qualidades deste são contraditas por sua falta de bondade e misericórdia, atributos que o filho do Deus “bom” reserva a si como realmente divinos. A visão dual de Deus faz dele uma marionete, um ser à mercê da vontade humana, não mais onipotente e superior ao capricho do homem.

Nietzsche vê no cristianismo “a ruína de Deus”, corrente religiosa que transformou Deus num ser do submundo, dos pobres, doentes e escravos:

“Quando as premissas da vida ascendente, tudo quanto é forte, valoroso, dominante, orgulhoso, são eliminadas do conceito de Deus; quando este decai progressivamente até degenerar no símbolo de um báculo para cansados, de uma tábua de salvação para os que se afogam; quando é transformado no Deus dos miseráveis, Deus dos pecadores, Deus dos doentes por excelência, e o atributo “Salvador”, “Redentor” passa a ser o único atributo divino, o que significará tal metamorfose? O que implica uma tal redução do divino?” (Nietzsche, 2002, p.51)

⁴ Idem.

Seguindo o raciocínio de Nietzsche ainda em *O Anticristo*, os homens fracos depositam sua fé e esperança em uma entidade externa, em um mestre que lhes conceda o fim das agruras e das mazelas da condição humana. Buscando a purificação de si, através dos mandamentos de não cometer pecado, não praticar obscenidades, de refrear os instintos naturais, o homem cristão julga conquistar sua entrada no "reino de Deus". O cristianismo necessita de mestre, guia, Salvador. Diferentemente do Budismo, o cristão não vê em si mesmo uma potência realizadora, não reconhece em si capacidades inerentes para uma vida terrena plena.

Neste jogo de alteração de faces, o termo salvar, trabalhado em *Ascese* desde o subtítulo, remete a uma cadeia de significados: *livrar de ruína ou perigo, conservar, guardar, manter, defender, preservar, poupar, livrar da morte, livrar das penas do inferno, acolher, obter a salvação eterna*. O Salvador é o ser com maior carga de responsabilidade, todas as expectativas de sobrepujar a morte humana são depositadas na crença de que "Deus salva".

Para concretizar a salvação, a divindade desce de seu reino para estender a mão ao ser mortal. Deus transforma-se em herói para assemelhar-se ao homem e assim fornecer a este uma identidade na ressurreição. Essa visão do Cristo que redimiu os pecados do mundo por ter ignorado o abismo existente entre o criador e a criatura, ao descer de sua posição superior para "salvar", fomenta a idéia da humanização de Deus.

Em *O Anticristo*, além de uma severa crítica ao cristianismo, Nietzsche traz à baila a visão de Jesus como um homem bom, que trouxe ensinamentos de prática para uma vida melhor, sem intenções de fundar uma igreja ou instituir uma crença em pecado, arrependimento, culpa, passividade, entre outros preceitos que caracterizam o cristianismo pós-morte de Cristo.

"A vida do Salvador não foi outra coisa senão essa prática ___ assim também foi a sua morte... Não tinha mais necessidades de fórmulas nem de ritos para as relações com Deus, nem sequer da oração. Acabou com todos os ensinamentos judaicos de arrependimento e de perdão; sabia que só com a prática da vida é que alguém pode se sentir "divino", "Bem-aventurado", "evangélico", a cada instante "filho de Deus". O "arrependimento", a "oração pela salvação" não são caminhos para Deus: só a prática evangélica conduz a Deus; ela, justamente, é "Deus!" (Idem, p.68-69)

Se o homem criou muitas imagens de Deus para ter condições de entendê-lo e de entender a si próprio, a idéia de um deus-humano é mais uma criação, ou ainda, uma transvaloração dos valores arraigados por tantos séculos. E se Deus podia ser mau, bom, demônio, fraco, potente, salvador, humano, a criatura também poderia transformar-se em Criador e matar o Pai, de quem já não mais necessitava. Um Deus humano era uma inutilidade, já que os homens se dirigiam ao Perfeito por justamente estarem desgostosos dos homens.

A negação de Deus (a morte) pressupõe a sua afirmação (o que indica que um dia nasceu). Ao negar a existência de Deus, Ele passa a ser estrangeiro para o homem, o "filho" expulso de casa pelo "pai". O Deus negado é o fora que um dia esteve dentro. Há uma inversão: não é o Pai quem expulsa seu filho do Paraíso, numa alusão ao mito cristão de Adão e Eva; o filho, roubando a roupagem do pai, o expulsa da vida terrena e o exila em seu reino inatingível. Com o exílio, Deus passa a depender do homem para retornar; apenas o homem pode salvá-lo. (ou recriá-lo, como pretende Kazantzákis)

A dependência de Deus sobre homem faz dele um ser frágil, debilitado, características de um deus humano, não mais onipotente. Desfigurado, exilado, errante, Deus está à mercê do homem para ascender, subindo degraus para voltar ao topo da posição que lhe foi tomada.

"Entre todos os impulsos de Deus, qual o que o homem pode perceber? Somente este distinguimos: uma linha rubra sobre a terra, uma rubra linha de sangue que luta por ascender, da matéria inanimada às plantas, das plantas aos animais, dos animais ao homem.

Esse indestrutível ritmo pré-humano é o único curso visível, sobre esta terra, do Invisível. Plantas, animais e homens são os degraus que Deus criou para poder pisar e ascender.

Árdua, terrível, infinda ascensão. Nesse assalto, Deus vencerá ou será vencido? Existe vitória? Existe prêmio? Nosso corpo se arruinará, voltará ao seio da terra, mas Àquele que por um instante o atravessou, que acontecerá?" (Kazantzákis, 1997, p. 103)

Em *Ascese*, Deus ganha uma nova face, que ultrapassa as necessidades do homem. As muitas representações do passado não bastaram para expurgar as angústias e renovar as esperanças. Pode-se perceber uma compreensão de que Deus não é nem abstrato, nem uma necessidade lógica;

não é tampouco uma harmonia de silogismos e fantasias; não é feminino, nem masculino, nem mesmo uma substância pura e neutra.

“É, pelo contrário, homem e mulher a um só tempo, mortal e imortal, excremento e espírito. Concebe, fecunda e mata; amor e morte, conjuntamente, torna a conceber e matar ___ e em largos passos de dança vai além dos limites da lógica, onde não há lugar para antinomias.

Meu Deus não é onipotente. Peleja, enfrenta o perigo a todo momento, treme, tropeça em cada ser vivo, grita. É incessantemente vencido, mas torna a erguer-se, sujo de sangue e terra, e recomeça a luta.

(...)

Meu Deus não é todo bondade. Está cheio de aspereza, de selvagem retidão, e é sem piedade alguma que escolhe sempre o melhor. Não se compadece, não se importa nem com seres humanos nem com animais, muito menos com virtudes ou idéias. Ama-os por um instante, esmaga-os para sempre e segue adiante.

(...)

Meu Deus não é onisciente. Seu cérebro é um novelo de luz e trevas que ele forceja por desembaraçar dentro do labirinto da carne”. (Idem, p.114-116)

Para compor essa nova face divina, Kazantzákis recorre a uma vasta nomenclatura para se referir ao “seu Deus”: Abismo, Mistério, Treva Absoluta, Luz Absoluta, Sopro, Invisível, Matéria, Espírito, Última Esperança, Última Desesperança, Silêncio (o uso de iniciais maiúsculas aqui advém do próprio Kazantzákis em Ascese). Os nomes anunciam que esse Deus é feito de oposições, mas de oposições que se interpenetram, se confundem, derrubando a idéia de Bem e Mal, sem a hierarquia do positivo sobre o negativo. Deus não pode ser chamado por um nome apenas, porque esse nome rejeitaria outros nomes; um único nome não pode encerrar todo o significado, abarcar toda a natureza desse ser inominável. Chamá-lo Deus é uma convenção, “porque só esse nome comove, desde tempos imemoriais, nossas entranhas até o fundo. E essa comoção é indispensável para tocarmos corpo a corpo, além da lógica, a terrível essência”. (Idem, p.112)

A descoberta de que o Deus inominável ou, remetendo ao *phármakon* de Derrida, o Deus indecível – elemento ambivalente que não se deixa compreender nas oposições clássicas binárias – não mais tem o poder de salvar o homem sem antes se salvar traz a idéia de unificação entre o humano e o divino, ambos se necessitam mutuamente.

“Deus corre perigo. Não é onipotente para que possamos cruzar os braços à espera da vitória; não é todo bondade para que possamos confiantemente esperar que se compadeça de nós e nos salve.

Em nossa carne efêmera, Deus inteiro corre perigo. Não poderá salvar-se se nós, com nossa luta, não cuidarmos disso; e não nos poderemos salvar se ele não salvar-se". (Idem, p. 117)

Assim, aquele que salva é Deus, quem é salvo é o filho; quem se salva não é senão aquele que uniu em si mesmo o pai e o filho. Se todos os nomes e oposições unificaram-se em *Ascese*, esta mesma, a *ascese*, é uma condição, permanente ou transitória, que ainda pode ser alcançada?

Referências:

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. (2001) *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: José Olympio.

CULLER, J. (1997) *Sobre a Desconstrução*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos.

DERRIDA, Jacques. (1991) *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GONÇALVES, Ricardo M.(org.). (s/d) *Textos Budistas e Zen-budistas*. São Paulo: Cultrix.

HANH, T. N. (2001) *A Essência dos Ensinos de Buda*. Rio de Janeiro: Rocco.

KAZANTZÁKIS, Nikos. (1997) *Ascese. Os Salvadores de Deus*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Ática.

NIETZSCHE, Friedrich. (2002) *O Anticristo*. São Paulo: Martin Claret.

_____. (1991) "Para a Genealogia da Moral" In: NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. São Paulo: Nova Cultural.

SANTIAGO, S. (supervisão) (1976) *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.

VERNANT, J-P. (1973) *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro/ Edusp.

